

Cantigas e histórias para travar os atrasos na linguagem dos bebés

Além das crianças nascidas na pandemia, também os bebés têm tido dificuldades na aprendizagem da linguagem. Projecto em creche de Cascais usa a música para “corrigir” estes atrasos

Reportagem

Tiago Ramalho Texto
Daniel Rocha Fotografias

“Dona Pata estava espantada.” Começa assim a história da peça de teatro que brinda a entrada para a Escola de São Vicente, em Alcabideche – um clássico, O Patinho Feio. O sossego (nunca completo) é interrompido amiúde pelas intervenções dos miúdos que povoam esta creche no município de Cascais. Ou até pela cantoria de um sucesso televisivo do início deste século: “Todos os patinhos sabem bem nadar, sabem bem nadar...” À parte a animação, há algo distinto nesta creche face a todas as outras – à imagem do patinho feio, é diferente. A música não é apenas cantoria dentro destas paredes, tem um propósito mais vincado: contrariar os atrasos na linguagem detectados em crianças que nasceram durante a pandemia e também nos anos seguintes.

O aviso não é novo. Em Agosto do ano passado, a investigadora Sónia Frota explicava que os bebés que nasceram na pandemia tinham atrasos no desenvolvimento da linguagem face ao que acontecia com os bebés nascidos antes deste período. Ao PÚBLICO, defendia um rastreio nacional para identificar a real escala destes problemas e também uma intervenção junto destas crianças em creches e jardins-de-infância.

Não houve rastreio a nível nacional, mas avançou um projecto-piloto de intervenção junto de crianças entre os seis meses e os três anos, precisamente nesta escola de Alcabideche – uma instituição particular de solidariedade social que pertence ao Centro Social Paroquial de São Vicente de Alcabideche. E, claro, a música é ponto assente neste plano que está em vigor desde o início do ano lectivo, em Setembro, e que terminou no final de Junho.

Todas as semanas há uma

intervenção para promover as competências de linguagem através da música – focado na prosódia, que trata a parte acústica da fala. Aqui entra a melodia que incutimos às palavras, o tom carregado nalgumas sílabas ou o encadeamento ritmado das frases.

“A investigação mostrou que a prosódia tem um papel de relevo na aquisição e no desenvolvimento da linguagem, em particular em idades precoces, pois as crianças usam informação prosódica para aprenderem outros aspectos da língua”, esclarece Sónia Frota, coordenadora do Baby Lab, laboratório de fonética da Universidade de Lisboa. Por exemplo, pode ser útil para dizer que um “chiu!” sucede a algo errado, devido ao tom e aos gestos.

A turma dos dois anos (alguns já com três anos, dado que estamos em final de ano lectivo) sobe as escadas. Estas 15 crianças fazem parte do grupo de 36 alunos envolvidos no projecto liderado pela equipa de Sónia Frota. Sobem em pequenos passos, com uma série de frases coladas na parede, rodeadas de fotografias de crianças que andam ou andaram na creche. Todas as frases parecem ordens para colocar o ónus na vontade dos miúdos. Um exemplo: “Um brincar que me dê a oportunidade para aprender pela acção.” Bate certo com o que as educadoras vão falando durante o percurso. O destino é a sala verde (a cor da turma dos dois anos). É aqui que brincam, dormem e cantam.

“Neste último ano começámos a reflectir sobre como estamos a chegar ao jardim-de-infância, a partir dos três anos, com tantas crianças com necessidades em termos de articulação, de comunicação e da linguagem expressiva”, explica Adelaide Mateus, que coordena a equipa de educadoras na Escola de São Vicente, em Alcabideche. “De um modo geral, os meninos falam muito depressa, não têm paciência para esperar, dizem só uma ou duas palavras, frases muito

curtas... Deixou-nos a pensar sobre o que podemos fazer para chegarem ao jardim-de-infância com mais vocabulário e mais léxico”, diz a educadora, há 42 anos entusiasmada com o ofício.

“Vamos para a rua!”

O contacto com o grupo de investigação de Sónia Frota deu também uma oportunidade à ciência de explorar directamente uma intervenção através da música junto destas crianças. “Em relação a anos anteriores estão a falar mais”, adianta Adelaide Mateus. Houve uma avaliação externa sobre o desenvolvimento da linguagem antes do início do projecto e houve outra no final de Junho para perceber se, de facto, esta percepção está correcta.

Numa intervenção comum, as crianças sentam-se num semicírculo e há um “Bom-dia, bom-dia, bom-dia, como estão?” da educadora. Cada um recebe o bom-dia individual para que todos possam dizer bom-dia e irem treinando e aprimorando. “Bom-dia, Alexandre!”, “Bom-dia, Isadora!” Hoje, a turma não está muito virada para isto. Mas há tempo para algumas das lengalengas que são cantadas, como a “cabeça, ombros, joelhos e pés”, numa sucessão ritmada e com movimentos a tocar em cada uma destas partes do corpo. Isto para a turma dos dois anos, nos mais novos usam-se guizos para fazer o ritmo da cantiga.

Marisa Filipe, investigadora do Baby Lab, destaca que este tipo de intervenção coloca as educadoras mais alerta para detalhes como a interacção e a preocupação com a aquisição de linguagem. “Não inventámos a roda. Mas esta é uma intervenção sistemática para as competências, torna estas intervenções rotineiras e faz com que se trabalhe para este fim”, diz. Afinal, as cantorias já faziam parte, mas não eram tão escrutinadas.

Há sessões gravadas em vídeo para as educadoras (que trabalham as sessões sozinhas) receberem



Projecto-piloto liderado por Marisa Filipe e Sónia Frota (em cima) está em vigor desde o início do ano em Alcabideche

Educadoras têm sentido melhorias nas crianças, mas resultados finais deste teste só serão conhecidos nos próximos meses

algumas sugestões das investigadoras, há um guião para a intervenção – onde se indica que devem começar com este “bom-dia” – e ainda outras coisas, como um boneco por sala. Muitas vezes é este boneco de peluche que dá o mote para as actividades, como uma canção, uma história ou uma série de imagens onde se explica cada acção – seja lavar os dentes ou dizer que aquele carro é vermelho. Estas pequenas intervenções ajudarão a colmatar o atraso nas competências de linguagem que os bebés adquirem nos primeiros dois anos e que foram afectadas pela pandemia. Como? As pistas audiovisuais,



como o som ou a expressão facial, estavam mais escondidas pelas máscaras, mas houve também menor socialização e menos interação dos bebés com outros bebés ou com outros adultos. Mesmo a alteração das dinâmicas familiares contribuiu para isto, com maior ansiedade ou stress, mas também menos saídas de casa.

Um dos processos fundamentais no primeiro ano de vida é, por exemplo, a segmentação de palavras (ou seja, partir as palavras em sílabas sonoras como o “pa” ou o “ma” que originam “papá” e “mamã”). Esta é uma competência adquirida, geralmente, a partir dos sete meses e que a investigação do Baby Lab verificou estar mais atrasada nos “bebés da pandemia”.

Mas não só. Os resultados dos estudos mais recentes desta equipa (que ainda não foram publicados) mostram que os bebés nascidos após a pandemia não regressaram aos níveis de segmentação, por exemplo, que existiam, em média, antes da pandemia – o que realça o papel dos comportamentos sociais e da interação com outras pessoas na aquisição de linguagem.

Este tipo de processos de conhecimento de palavras e de linguística, que nos é inato, pode ser promovido através destas intervenções musicais. E, embora ainda falte uma avaliação, há um

consenso dentro da creche: está a funcionar. “Há um mês, comentei ‘acho que os bebés estão a falar mais’. E elas [as outras educadoras] disseram que também achavam”, diz Adelaide Mateus. “No berçário estão a fazer um ano e estão a dizer tantas palavras e na sala de um ano (que começam agora a fazer dois) estão a falar tanto”, nota.

Mais uma memória: “Os meninos da sala de um ano quase todos falam muito bem, ou seja, conhecem muitas palavras. Aqui há um tempo, um menino que saiu da sala para ir para a rua, que tinha feito dois anos, diz: ‘Vamos para a rua! Vamos para a rua!’ Fiquei fascinada a olhar para ele, já parecia um menino de três anos. Estava a declarar, a fazer a frase com intenção e todo empolgado com a acção que vai fazer.”

Se houver dificuldades na separação das sílabas, a aprendizagem de novas palavras e a linguagem ficam comprometidas. Daí que as cientistas tenham defendido um rastreio nacional para perceber a dimensão do problema e quais principais dificuldades. “Era muito bom que conseguíssemos apoiar estes bebés que nasceram um pouco antes da pandemia e durante a pandemia, promovendo o desenvolvimento destas competência”, defende Sónia Frota.

Desenvolvimento da linguagem

Mesmo nascendo depois da pandemia, bebés continuam a ter dificuldades

Tiago Ramalho

Equipa da Universidade de Lisboa mostra que, após a pandemia, o nível de linguagem dos bebés não voltou aos valores pré-covid

Os efeitos da pandemia não foram meramente pontuais. Afinal, com várias medidas de saúde pública a restringir o contacto, as dificuldades na comunicação e na linguagem emergiram sobretudo entre os bebés nascidos nesse período. Mas não só. “O que observámos no pós-pandemia? [Os bebés] não regressaram aos níveis antes da pandemia”, explica Sónia Frota, investigadora em linguística e coordenadora do laboratório Baby Lab da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Num estudo que ainda não está publicado, a equipa de Sónia Frota analisou a capacidade de segmentar palavras (ou seja, partir as palavras em sílabas sonoras) aos 12 meses ou as palavras aprendidas aos 20 meses, por exemplo. Mas além disso, avaliou também o desenvolvimento de linguagem aos 30 meses – ou seja dois anos e meio de idade. E, mesmo com esta idade, já com mais de um ano passado no pós-pandemia, estas crianças continuam a mostrar mais atrasos no desenvolvimento da linguagem.

“Os efeitos da pandemia perduram no pós-pandemia. É muito importante não só continuar a estudar estes efeitos, mas também encontrar formas de promover a linguagem e comunicação, o mais precocemente possível”, defende Sónia Frota. Os resultados mostram a necessidade de identificar a dimensão do problema a nível nacional e de criar intervenções direccionadas para as crianças em creches e jardins-de-infância, algo

que Sónia Frota já pedia em Agosto do ano passado em declarações ao PÚBLICO.

A equipa do Baby Lab está neste momento a finalizar um projecto-piloto com crianças entre os seis e os 36 meses de idade numa creche de Alcábalde, em Cascais. Se os resultados forem positivos, como a percepção das educadoras locais indica, a investigação poderá ser alargada a mais regiões do país e a centenas de bebés e crianças.

Mas além dos bebés nascidos durante a pandemia e dos que nasceram pouco antes desse período, e portanto cresceram com as medidas de saúde pública em vigor, investigaram-se também os bebés que já nasceram depois de Abril de 2022 – sem máscaras, nem restrição de contactos. “Os resultados mostraram que havia diferenças no desenvolvimento do vocabulário receptivo (que as crianças compreendem) e expressivo (que as crianças produzem) entre os bebés nascidos na pré-pandemia e os bebés nascidos durante e após a pandemia”, refere Sónia Frota. No entanto, “não se registaram diferenças entre os bebés nascidos durante e após a pandemia”.

Apesar das alterações e do anunciado “regresso à normalidade”, há mudanças que ficaram e que poderão ter impacto nestas crianças que nasceram já depois de Abril de 2022 – todas com oito a 15 meses de idade. O cenário ideal, como descreve Sónia

Menor contacto com outros adultos e crianças é uma das razões para estes efeitos negativos



Os efeitos da pandemia na linguagem perduram no pós-pandemia

Frota ao PÚBLICO, era que com o fim do confinamento e das regras os “bebés recuperassem a trajectória [de desenvolvimento da linguagem] para os níveis pré-pandemia”. Mas os bebés nascidos após a pandemia não recuperaram face aos bebés nascidos durante a pandemia – mantendo as dificuldades na linguagem.

“Um pouco mais para a frente já encontramos alguma recuperação, mas é uma recuperação em que não estão diferenciados da pandemia, nem da pré-pandemia, estão ali no meio”, acrescenta. Ou seja, nem recuperaram aos níveis esperados antes da covid-19, nem estão em valores tão baixos quanto os mais próximos da pandemia. “Percebemos que não há um ‘a pandemia começou aqui e acabou ali’”.

Escrá para as mãos

Há um trabalho pela frente de compreender as razões para estes dados e como os contrariar – para além das intervenções através da música que estão a ser testadas, por exemplo. Há várias hipóteses que podem explicar os resultados, como a alteração das dinâmicas sociais das famílias, com menos contactos com outras pessoas e crianças e até uma menor tendência a sair de casa.

Marisa Filipe identifica um outro problema que também não é novo nestas discussões: os escrás. “Muitas vezes os pais estão com as crianças, mas estão ao telemóvel”, explica a também investigadora do Baby Lab, sublinhando a relevância dos momentos de interação e de comunicar para as crianças “apanharem” pistas de fonética e sílabas de forma a desenvolverem a linguagem.

Esta interacção é importante sobretudo devido à segmentação de palavras, uma das competências mais relevantes na formação da nossa capacidade de falar. “Um dos grandes desafios que os bebés têm é a partir do discurso contínuo [dos adultos] conseguirem segmentar as palavras e usar pistas para as segmentar”, lembra Sónia Frota. Daí que essa interacção seja tão importante.

“Nos bebés nascidos durante a pandemia, com idades entre os sete e os nove meses, não tinham esta competência. Estudámo-los aos 12 meses e ainda não tinham esta competência. Antes da pandemia, entre os quatro e os seis meses esta competência já existia”, sublinha. Estes dados servem de pista para a necessidade de reforçar o trabalho nesta área e compreender por que acontece e como ajudar estas crianças.